

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

21 e 28 de Janeiro de 2026

Small Town Girl / 1936

Uma Pequena da Província

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman, Robert Z. Leonard (*não creditado*) *Argumento:* John Lee Mahin, Frances Goodrich, Akbert Hackett, Edith Fitzgerald; Horace Jackson, Lenore Coffee, Manuel Seff, Mildred Cram, Charles Rosher (*não creditados*) *baseado num romance de* Ben Ames Williams *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1:1,37): Oliver T. Marsh *Som* (Western Electric): Douglas Shearer *Montagem:* Blanche Swell *Direcção Artística:* Cedric Gibbons, A. Arnold *Cenografia:* Edwin B. Willis *Guarda-roupa:* Dolly Tree *Caracterização:* Jack Dawn *Efeitos fotográficos:* John Hoffman *Música original:* Herbert Stothart, Edward Ward *Temas:* Small Town Girl; Boola Boola; Harvardiana; Bingo; Solomon Levi; Up the Street; I'm in the Mood for Love, etc. *Assistente de realização:* Tom Andre *Interpretação:* Janet Gaynor (Kay Brannan), Robert Taylor (Bob Dakin), Binnie Barnes (Priscilla), Lewis Stone (Dr. Dakin), Andy Devine (George), Elizabeth Patterson (Ma Brannan), James Stewart (Elmer), Douglas Fowley (Chick), Isabel Jewell (Emily), Charley Grapewin (Dr. Fabre), Nella Walker (Sra. Dakin), etc.

Produção: MGM (EUA, 1936) *Produtor:* Hunt Stromberg *Cópia:* George Eastman House, 35 mm, preto-e-branco, falada em inglês e legendada eletronicamente em português *Duração:* 90 minutos *Estreia Mundial:* 10 de Abril de 1936, Capitol, Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 16 de Novembro de 1936, São João (Porto) *Reposição comercial em Portugal:* 8 de Junho de 1937, São Luiz (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

James Stewart, o longilíneo, gentil James Stewart surge poucas e sempre graciosas vezes ao lado, ou no encaço, de Janet Gaynor neste Wellman de 1936 em que a actriz e Robert Taylor protagonizam o par romântico que tarda a sê-lo, ou tanto quanto. SMALL TOWN GIRL, do mesmo ano, na perspectiva de Wellman, de THE ROBIN HOOD OF EL DORADO, em que o cineasta entregou mais de si, foi um dos primeiros pequenos papéis de James Stewart em Hollywood. Em rigor, na MGM. É Elmer, o alto, enxuto, meio-desengonçado pretendente de Kay na pequena cidade de província que ambos habitam antes da noite de copos que a faz fugir alegremente dali com o jovem médico que, de passagem pela localidade, dança com ela e a leva na viagem de que desperta resacado, desmemoriado, com um registo de casamento no lugar do morto.

No primeiro plano em que surge, em contra-picado, Elmer está no cimo de um poste de electricidade, contíguo à mercearia onde Kay trabalha e da qual acabou de sair, para uma entrega, de balão na mão. Quando ele desce do poste, de ferramentas à cintura, para vir falar-lhe, já a sabemos desejosa de sair daquele lugarejo. Na breve caminhada que percorremos com os dois pela cidadezinha atulhada de gente e trânsito automóvel confirmamos que ele se sente bem ali, que é bom tipo, que está apaixonado por ela, que é desastrado (fura-lhe o balão com o cigarro que está a fumar), que nota como ela às vezes tem “uma nuvem negra em cima da cabeça”. Quase só voltamos ao secundário Elmer de Stewart perto do fim, porque a história decorre entre as duas chegadas automobilizadas de Bob, a personagem de Robert Taylor, que representa um tipo oposto, mais cosmopolita e menos fiável, não obstante o futuro promissor de cirurgião. A figura esguia, a maneira de falar hesitante, o rosto anguloso, a afabilidade despretensiosa, são características de identificação imediata com Stewart. Fica por saber se alguma vez terá Hitchcock visto SMALL TOWN GIRL antes de entregar ao actor o papel do detective reformado de São Francisco que sofre de vertigens em VERTIGO. Tem muita graça vê-lo ser apresentado tão sorridente num plano das alturas neste Wellman.

Lembre-se que em 1932 James Stewart se formara em arquitectura em Princeton, integrara a companhia de teatro University Players em Massachusetts, como Henry Fonda e Margaret Sullavan, seguira para Broadway,

em Nova Iorque, onde a sua prestação em várias peças conduziu, em 1934, ao contrato com a MGM, onde se iniciou em participações não creditadas. A estreia deu-se *THE MURDER MAN* (Tim Whelan, 1935), em que a estrela masculina era Spencer Tracy, no musical *ROSE MARIE* (W.S. Van Dyke, 1936) antes de sete outros títulos, entre os quais, *NEXT TIME WE LOVE*, com Margaret Sullavan, *WIFE VS SECRETARY*, de Clarence Brown, com Clark Gable, Myrna Loy e Jean Harlow, além de *SMALL TOWN GIRL*, dois filmes em que faz de “namoradinho abandonado”. Aconteceu, portanto, muitos filmes antes dos Capra que o celebrariam em finais dessa década – *YOU CAN’T TAKE IT WITH YOU* e *MR. SMITH GOES TO WASHINGTON* (1938/39), antes do *SEVENTH HEAVEN* de Henry King no *remake* do original de Borzage (1937), ainda não se vislumbravam *THE PHILADELPHIA STORY* nem *THE SHOP AROUND THE CORNER*, o Cukor e o Lubitsch da sua filmografia inicial dos anos 1940. Em 1947, já uma estrela, é Stewart quem Wellman volta a filmar numa cidadezinha tipicamente americana, o curiosíssimo *THE MAGIC TOWN*, corroído pelo capitalismo e ainda inocente. Em 1936, cabe-lhe contracenar fugazmente com Janet Gaynor (num papel inicialmente pensado para Jean Harlow), a doce rapariga do *SUNRISE* de Murnau e do *STREET ANGEL* de Lubitsch (1927/28), quando se tornou das mais resplandescentes estrelas de Hollywood, mas também a aspirante actriz-actriz de ascensão fulgurante num expontente Wellman do ano seguinte, o *A STAR IS BORN* que o cineasta realizaria com primor produzido por David O. Selznick, em dupla com *NOTHING SACRED*.

É que se *SMALL TOWN GIRL*, adaptando o romance de Ben Ames Williams, foi um êxito, Wellman cumpriu-o sem gosto especial, tal como o seguinte *TARZAN ESCAPES*, concluído e creditado no mesmo ano a Richard Thorpe, embora Wellman o tenha descrito como o filme que mais o divertiu realizar. Havia de deixar a MGM desencantado com a falta de verdadeiras oportunidades no estúdio de Mayer, como antes deixara a Paramount e a Warner Bros. De qualquer modo, é como acima se escreve, se não com gosto, não dispensando a graça – *SMALL TOWN GIRL* alinha no rodopio dos anos 1930 de Wellman assente na história de um casamento (muito) precipitado entre uma rapariga de uma cidadezinha “dos campos” e um cidadão abastado que, para evitarem o escândalo salvando a futuro profissional dele, se comprometem a uma aparência de conjugalidade durante seis meses que não-de anteceder o divórcio e em que o amor acontece, não faltando a complicação acrescida de uma noiva sofisticada com quem Bob tinha casamento marcado. O segredo mal guardado de Kay é que está verdadeiramente apaixonada pelo marido, o que a leva a uma posição de aceitação e aparente passividade, com choro e frustração privadas, que nem por isso fazem jus ao carácter independente das mulheres dos filmes de Wellman, embora se perceba que tem um plano, que se trata de uma escolha, não é tonta nenhuma. O tempo do filme é o da “rendição” de Bob, de jovem bem-educado de boas-famílias boémio, nos intervalos da vida profissional briosa, supostamente encantado por uma noiva da alta-sociedade como ele, a jovem médico-cirurgião decisivamente empenhado e que de facto se enamora pela desconhecida com quem casa numa noite de álcool, baile, estrada, velocidade.

Seja como for, a farsa a que o casal se sujeita adequa-se a mal-entendidos espirituosos, nos tempos dos costumes pós-Código que corriam em 1936, já arredadas, portanto, as possibilidades mais audaciosas que precederam a auto-regulação de Hollywood. Na clássica estrutura circular de tantos Wellman que leva *SMALL TOWN GIRL* duas vezes visitada pelo automobilizado Bob a começar e a acabar na cidade, o filme tem momentos de realidade social (o trabalho, o amigo operário e a família de Kay) em contraste com a realidade dos ricos (a mansão e a família de Bob, o cruzeiro, a morada do casal); momentos idílicos que mostram o processo de enamoramento (o piquenique no meio das árvores, a conversa sobre medicina e o salvamento do pequeno veado tudo numa só sequência); o momento da cirurgia como teatro clínico em que Bob vacila no último momento pela noite não dormida, redimindo tudo quando entrega o bisturi ao colega; momentos divertidos, sobretudo os da lua-de-mel em mar alto com as aparências acima de tudo, o interesse da rapariga pelo ofício da navegação – Kay move-se pela curiosidade e será o que seduz Bob – e a biblioteca com a qual, por seu lado, ele se distrai no navio. Em que faz embarcar caixotes de whiskey, para aguentar as falsas núpcias, o que vemos num divertido plano de embarque sem os protagonistas.